

1. INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa surgiu a partir da experiência com o trabalho, ainda na graduação, no projeto de tratamento da documentação da Colônia Juliano Moreira, coordenado pelo Arquivo Nacional. Em 1923, as colônias de alienados da Ilha do Governador foram transferidas para Jacarepaguá, nascendo, assim, a Colônia de Alienados de Jacarepaguá, inaugurada em 29 de março de 1924. Esta colônia recebeu o nome de Colônia Juliano Moreira em meados da década de 30. Pela Lei nº378, de 13 de janeiro de 1937. Participei do projeto de Tratamento e Informação documental da Colônia Juliano Moreira no período de agosto de 1994 a março de 1995, como bolsista da Associação Cultural do Arquivo Nacional. Aos poucos com a participação neste projeto, senti nascer o interesse e a paixão pelo tema da loucura e não imaginava, naquele momento, que alguns anos mais tarde eles resultariam nesta dissertação.

A velha Fazenda do Engenho Novo era, de acordo com alguns psiquiatras como o doutor Rodrigues Caldas, o local apropriado para a organização de um grande hospital-agrícola, que pudesse receber os pacientes transferidos das Colônias de São Bento e de Mesquita.¹ O conjunto arquitetônico, de meados do século XIX, seria desapropriado pelo Governo Federal no ano de 1912 e os primeiros pacientes vindos das Colônias da Ilha do Governador chegariam ao asilo no final do ano de 1923.

Situada num vasto terreno rodeado de morros do Parque da Pedra Branca, em Jacarepaguá, a Juliano Moreira abrigava um grande número de pacientes que se misturavam aos funcionários do hospital e suas famílias, numa convivência inusitada que por vezes criava situações que eram compartilhadas por todos que trabalhavam e residiam neste grande hospício. Cruzar os portões da antiga fazenda que abriga a Colônia foi, para mim, uma grande surpresa, pois nunca havia entrado numa instituição manicomial. O lugar cercado de árvores e muito verde lembra bastante a paisagem campestre descrita por Lima Barreto em uma de suas crônicas sobre as Colônias da Ilha do Governador. Porém, o ambiente

¹ Sheila Maria Figueira Jacintho da CRUZ: *Entre a cidadania e a necessidade: a história da Colônia Juliano Moreira contada por seus pacientes*. Mestrado, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1993. P.39.

tranquilo da Juliano Moreira não conseguia esconder a situação de abandono e de solidão daqueles que estavam internados nos diversas pavilhões que compunham o asilo.

A primeira etapa do projeto exigiu que a equipe de pesquisa trabalhasse na Colônia de Jacarepaguá e durante algum tempo, nós nos incorporamos à rotina do hospício e tivemos a oportunidade de conhecer alguns dos pacientes da instituição. Os homens e mulheres que viviam na Colônia Juliano Moreira, personagens aprisionados por ela, em muito se pareciam aos que o próprio Lima Barreto descreveu no diário que produziu dentro do hospício da Praia Vermelha. Os delírios e manias do *Pereira*², do *V. de O.*³, o *bom louco Juliano César*⁴, todos eles personagens-pacientes das páginas do romancista, também podiam ser, hoje, encontrados ali na Colônia. Desta forma, não só lia as histórias dos livros de registros que faziam parte da documentação, como também podia ouvir e ver personagens da *sombria cidade dos lunáticos*, expressão cunhada por Lima Barreto para denominar o Hospício Nacional de Alienados.

A curiosidade, mola mestra do trabalho de um historiador, impulsionou o desejo de investigar e conhecer um pouco mais sobre esse universo de delírios. O material encontrado na Colônia era muito interessante e bem diversificado, pois continha documentos administrativos e livros de registros de pacientes, tanto da Juliano Moreira, quanto do Hospício de Pedro II e do Hospício Nacional de Alienados. Os livros, repletos de detalhes sobre a vida dos doentes, em sua maioria pertenciam as primeiras décadas do século passado, período em que o escritor Lima Barreto esteve internado no antigo casarão da Praia Vermelha. Foi, portanto, quase impossível não me render à leitura destes registros, dos diagnósticos elaborados pelos médicos sobre o comportamento, os hábitos e vícios que descritos nas páginas destes prontuários deixavam transparecer como a medicina da época internava e tratava dos seus loucos.

Ao término do projeto da Colônia Juliano Moreira, ingressei como bolsista na Casa de Oswaldo Cruz, no programa de pesquisa sobre história das doenças, no

² Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Diário do hospício; o cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de editoração, 1993. P.55.

³ Ibid. P.41.

⁴ Ibid. P.89.

qual viria a trabalhar com a relação entre tuberculose e a literatura de Manuel Bandeira⁵. O trabalho nesta pesquisa foi o passo decisivo para solidificar a opção de abordar a doença mental como objeto histórico, graças às leituras e discussões realizadas no campo da história das doenças e da medicina desenvolvidas nesta instituição.

O mergulho neste *insondável mar* veio, no entanto, com os dois anos de mestrado e que longe de esgotarem a curiosidade sobre o tema, fomentaram ainda mais as perguntas sobre a loucura e seus personagens. Um deles, Afonso Henriques de Lima Barreto, que no ano de 1914 seria internado pela primeira vez no Hospício Nacional de Alienados, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, foi escolhido para este trabalho, com o intuito de compreender melhor a experiência da loucura numa dada temporalidade e num determinado espaço. A chegada deste ilustre paciente ao asilo da Praia Vermelha foi marcada pela dolorosa experiência de ter sido conduzido num carro-forte da Polícia, episódio que descreveu cinco anos mais tarde, na ocasião de sua segunda internação no asilo, que aconteceu no Natal de 1919.

Após ter abusado do *Paraty*, o autor voltaria a engrossar as estatísticas do número de pacientes internados com o diagnóstico de alcoolismo no *Cemitério dos Vivos*⁶, outra denominação a qual recorria quando desejava referir-se ao antigo Hospício de Pedro II. Foi durante este período que resolveu coligir *observações interessantíssimas*⁷ com a finalidade de escrever um livro sobre a *vida interna dos hospitais de loucos*⁸, projeto que deixou inacabado ao morrer em 1922.

Lima Barreto não conseguiu terminar o romance, porém as informações interessantíssimas que pretendia reunir ficaram registradas tanto nas páginas de seu *Diário do hospício*, quanto nas do *Diário Íntimo*. Nesses livros denunciou as

⁵ Manuel Bandeira – Trajetória de vida (re)construção da identidade a partir da tuberculose, orientado por Ângela Porto. Participei do projeto durante o período de agosto de 1995 a julho de 1997.

⁶ Carta de 25 de janeiro de 1920. “*Estou no hospício, onde me fazem veranejar de quando em quando para me prolongar a vida e essa estulta mania de escrever. (...) estou no Cemitério dos Vivos, que, por ironia das denominações, fica na Praia da Saudade.* Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Correspondência*. Francisco de Assis Barbosa (org). São Paulo: Brasiliense, 1956, 2ª edição, 1961, volume 2. P.206.

⁷ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Cemitério dos Vivos. Memórias*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. P.252.

⁸ Ibid. P.252.

agruras dos tratamentos destinados aos doentes mentais, o medo, o preconceito diante da doença e o sentimento de humilhação a que o doente estava exposto.

*“(...) tinha adquirido um grande desprezo pela opinião pública (...), que vê como criminoso um sujeito que passa pelo Hospício (...)”*⁹

Os médicos e enfermeiros também não escapariam das críticas lúcidas de Lima Barreto, até o grande mito de seu tempo, a ciência, foi alvo de questionamentos e insatisfações. Era desta forma que o escritor via o papel da literatura, para ele um compromisso entre a arte e o público e, por essa razão, a sua arte nada poderia ter de desinteressada. Ao artista cabia distinguir não só o sofrimento próprio, mas também o dever de opinar sobre as misérias da sociedade em que vivia, sem ter medo de denunciá-las.

Ao olhar a cidade do Rio de Janeiro através da lente do escritor e paciente do antigo hospício D. Pedro II Afonso Henriques de Lima Barreto, o objetivo deste trabalho é iluminar alguns aspectos sobre a experiência da loucura, uma questão, que, naquele tempo como no nosso, a sociedade não parece ter encontrado formas adequadas de enfrentar. É importante salientar que os registros do romancista possibilitam múltiplas análises sobre os diferentes aspectos que constituíram a sociedade carioca neste período, porém o enfoque deste trabalho irá se deter na relação entre o escritor e a loucura. A perspectiva da pesquisa é, portanto, tomar o escritor como um dos elementos que permitem uma melhor compreensão da história da alienação na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX, sem esquecer dos temas que com ela se relacionam, tais como raça, alcoolismo e ciência.

As descrições da cidade feitas por Afonso remetem à versão de um Rio de Janeiro tenso, no qual predominavam os projetos cientificizantes, a busca pelo crescimento e modernização da cidade, tendo como modelo as grandes capitais da Europa, então apresentadas como paradigmas de civilização e de progresso.

O romancista, através de sua obra, criticou diversos aspectos dos primeiros anos da República e seu universo de abordagens inclui

“movimentos históricos, relações sociais e raciais, transformações sociais, políticas, econômicas e culturais; ideais sociais, políticos e econômicos; crítica social, moral e cultural; discussões filosóficas e científicas,

⁹ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. cit. 1993. P.145.

referências ao presente imediato, recente e futuro próximo; ao cotidiano urbano e suburbano, à política nacional e internacional, à burocracia, dados biográficos, realidade do sertão, descrições geológicas e geográficas (fragmentos) e análises históricas.”¹⁰

O testemunho do escritor é encarado como uma fonte rica e bastante singular, pois pode revelar até que ponto e de que forma as concepções médicas sobre a loucura foram aceitas ou criticadas através da literatura e de registros autobiográficos, como os que deixou. Lima soube expressar muito bem, através tanto da escrita ficcional, quanto na de seu diário de interno do hospício, o cuidado, o tratamento e os sentimentos que envolviam àqueles considerados loucos pela psiquiatria do período inicial da República. Os escritos, em especial os confessionais, guardam traços da experiência da loucura vivida em diversos momentos de sua trajetória e são capazes de evidenciar a complexa relação estabelecida entre alienistas, doentes e as práticas psiquiátricas. Lima Barreto “*pode encarar a ciência não como cientista, mas como paciente*”¹¹, o que acabou permitindo-lhe construir um relato de emocionante sensibilidade e repleto de detalhes sobre a doença mental.

O primeiro capítulo da dissertação procura estabelecer uma analogia entre a experiência da loucura e aquela vivida por todos os habitantes do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX. Trata do enlouquecimento da cidade com as reformas urbanas e os projetos cientificizantes, que, pretendendo estabelecer a ordem, na verdade contribuem para um convívio que parecia levar à loucura os que na cidade do Rio de Janeiro viviam. O objetivo é chamar a atenção para uma mudança do meio urbano que Lima Barreto identificou como uma *mudança de teatro*. O remodelamento da cidade é analisado como a experiência da loucura vivida pela metrópole, estabelecendo a relação com as novas construções, a mudança de ritmo da Capital e a perda de referências de sua identidade.

É importante também relacionar as mudanças da cidade com as mudanças processadas dentro do hospício no início do regime republicano. A reforma no espaço asilar pretendia fazer com que o hospício se aproximasse ao máximo de um hospital comum, no qual a pesquisa e os laboratórios pudessem se

¹⁰ Nicolau SEVCENKO: *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. P. 162.

desenvolver, o que supunha a abolição dos coletes e de camisas de força, bem como a retirada das grades, tão associadas ao ambiente de uma prisão.

O capítulo seguinte trata das concepções médicas e científicas sobre a loucura a partir do ano de 1890 até o momento da segunda internação do escritor Lima Barreto e confere destaque ao problema racial, ao alcoolismo, à hipótese da degenerescência e à hereditariedade em sua relação com o que então era diagnosticado como loucura. A intenção é mostrar como o romancista abordou essas questões em alguns dos seus textos e de que modo estas relacionam-se com idéias e posições assumidas pelos que imprimiam direção à República, à cidade e à ciência brasileira.

O terceiro capítulo pretende destacar a experiência da loucura do escritor e os diversos contatos travados com a doença mental em momentos distintos de sua trajetória. A análise detém-se na tensão tantas vezes presente em seus textos e testemunhos, entre as determinações da medicina em relação aos doentes mentais e sua própria experiência, alimentada pelo convívio intenso e doloroso com a alienação. Vale ressaltar a singularidade dos registros limanos, que podem ser identificados com a coragem do escritor-paciente em expor publicamente o sofrimento daqueles que enfrentaram a instituição manicomial e a experiência doída da loucura. O romancista não apenas registrou essa experiência nos diários que escreveu, como também a transpôs para a ficção, dando voz ficcional a sentimentos que, até então, permaneciam encerrados dentro dos muros dos manicômios ou na angústia pessoal dos que para ali eram levados.

O objetivo da pesquisa é buscar inserir o registro do particular, isto é, de um indivíduo que sofreu na própria pele a discriminação e o tratamento destinado aos que eram considerados doentes mentais, de forma que possa ser visto e estudado dentro de uma perspectiva mais ampla. A leitura de textos como *Diário do hospício* pode oferecer a oportunidade de desvelar os episódios tristes vividos por homens e mulheres que foram internados no asilo como alienados. A chegada ao hospício através das autoridades policiais, o momento das refeições, o cotidiano do manicômio, a solidão, as manias e hábitos daqueles considerados loucos, tudo isso foi anotado em páginas improvisadas pelo paciente-autor.

¹¹ Ibid. P. 193.

A proposta é realizar uma análise na qual a abordagem sobre a experiência do sujeito, como agente histórico, seja privilegiada e neste sentido, o trabalho não se inscreve na perspectiva homogeneizadora de matriz foucaultiana¹². Esta preocupação também é demonstrada por Magali Gouveia Engel em sua tese de doutoramento sobre a alienação na cidade do Rio de Janeiro.

*“Procurou-se, relativizar e redimensionar o caráter absoluto dos desdobramentos efetivos da relação saber/poder, levando-se em consideração as intrincadas redes que, tecidas no cotidiano das relações de dominação, revelam cumplicidades, sujeições, rebeldias, enfim um colorido múltiplo e, muitas vezes, inusitado.”*¹³

A análise não tomará o ponto de vista da psicologia ou da medicina, mas sim das relações que podem ser estabelecidas entre sociedade, indivíduo e as práticas de disciplinarização àqueles destinadas que entre esses homens e mulheres eram considerados loucos ao final do século XIX e início do século XX. Trata-se de trazer o tema para o campo da História Social da Cultura e, desta forma, utilizar-se dos instrumentos que o historiador possui para investigar a loucura como questão relevante e possível chave para a compreensão de aspectos importantes da sociedade, da visão de normalidade e desvio própria de uma dada temporalidade e da cultura médico-científica em suas relações com a vida social.

Para a realização deste trabalho, foi necessária a interlocução com algumas teses acadêmicas, artigos científicos, a legislação da época referente à criação do hospício, bem como com os registros autobiográficos e textos literários do escritor Lima Barreto.

A utilização tanto dos textos confessionais, quanto dos romances e crônicas da literatura barretiana estão inseridos nas novas tendências na escrita da história, pois indicam caminhos que buscam cada vez mais integrar os aportes literários na investigação histórica, na qual literatura e literato aparecem incluídos nas polêmicas e conflitos de seu tempo e são, portanto, *“sujeitos e personagens das histórias que contam.”*¹⁴

¹² Maria Clementina Pereira CUNHA: *O espelho do mundo – Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P.16.

¹³ Magali Gouveia ENGEL: *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. P.12.

¹⁴ Sidney CHALHOUB e Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA (orgs). *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. P.08.

Ao esquadrihar o relato de uma experiência particular como a de Lima Barreto, já que, como sugere Carlo Ginzburg “(...) a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais”¹⁵, e ainda segundo Ginzburg, seria um absurdo descartar estas últimas, é preciso não esquecer de suas relações com questões mais amplas, postas para a sociedade como um todo.

As páginas íntimas do diário que Afonso escreveu, tão íntimas que registrou serem do Afonso de vinte e três anos para o Afonso de trinta, quarenta, cinquenta anos e nas quais o escritor desejaria fazer delas pontos determinantes de sua trajetória, apontam como a escrita confessional e de diário podem se transformar em ponto de análise das apreensões e angústias vividas não só pelo escritor, mas também por quem percorreu o triste caminho, muitas vezes sem volta, do enlouquecimento. Neste sentido, a escolha de Lima Barreto como sujeito-objeto histórico deste trabalho constitui-se como fonte privilegiada de investigação, pois indica um dos raros testemunhos literários que se apóia sobre a experiência dolorosa da convivência com o mundo da loucura. A preferência nesta pesquisa pela literatura barretiana propõe a análise de um registro capaz de dar voz aos que não conseguiam romper com as barreiras da discriminação e do desfavorecimento econômico. Lima Barreto comporia o “(...) retrato inédito de um narrador moldado nas ruas pela visão dilacerada dos que não têm voz.”¹⁶

As páginas íntimas que constituem o diário pessoal de Lima Barreto podem oferecer pistas ao historiador da cultura e trazem a oportunidade de desvendar o universo particular dos indivíduos que na época foram considerados loucos, como eles “acontecem no seu tempo e no seu país” e permitem aos historiadores saciar o desejo de entender o *sentimento íntimo* dos sujeitos históricos.¹⁷

Ao longo do caminho percorrido por mim nestes dois anos de pesquisa pude contar com o apoio de muitos amigos que me ajudaram diversas vezes a tomar fôlego e continuar a empreitada. Durante a caminhada, a professora Margarida de Souza Neves que tão bem desempenhou a árdua tarefa de me

¹⁵ Carlo GINZBURG: *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P.26.

¹⁶ Beatriz RESENDE: *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993. P.13.

orientar, soube, com as leituras sempre muito honestas de meu texto e com sua generosidade e incentivo, abastecer-me com coragem e entusiasmo para que eu chegasse ao final do trabalho.

A bolsa de estudos da CAPES, desde o início do curso, possibilitou o desenvolvimento da pesquisa, assim como a acolhida afetuosa do pessoal da secretaria do programa de Pós-graduação em História Social da Cultura permitiu a superação do clima de ansiedade presente nos primeiros momentos do mestrado, principalmente para quem, como eu, chega de outra instituição.

Os professores Magali Gouveia Engel e Benilton Bezerra Junior, presentes no momento da defesa do projeto, muito contribuíram com a leitura criteriosa que fizeram do meu texto e as suas sugestões foram, em parte, responsáveis pela mudança de rumo que a pesquisa trilhou após a qualificação.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos da Casa de Oswaldo Cruz que me acompanharam durante esse tempo, sempre com palavras de incentivo: Ângela Pôrto que desde o início da caminhada me apoiou e também a amiga Ana Paula Zaquieu, a quem gostaria de agradecer pelas sugestões de leituras e pela troca de idéias. Tenho grande dívida e devo agradecimento especial ao pessoal da equipe da revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*: Jaime Benchimol, Ruth Martins e Isnar de Paulo que durante todo esse tempo compreenderam a minha ausência e incentivaram-me carinhosamente.

Seria difícil construir este trabalho sem os meus mais recentes amigos conquistados no mestrado: Renata Moura, Jaqueline Paz e Luciano Teixeira. Os nossos encontros sempre muito divertidos tornaram o percurso mais animado e colorido, mesmo nos momentos finais de ansiedade que antecedem o término da dissertação.

A imbatível dupla: Clícea Miranda e Viviane Mariano, que me acompanha desde o tempo da graduação, conseguiu salvar-me dos momentos de desespero pelos quais atravessa um mestrando e partilharam comigo as dificuldades e alegrias desta conquista.

Nenhuma linha deste trabalho teria sido escrita sem o apoio constante, sem o amor que sempre dedicaram a mim, meu pai, minha mãe e minha irmã que

¹⁷ Sidney CHALHOUB e Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA (orgs): Op. cit.1998. P.08.

suportaram com inesgotável paciência o exercício de conviver comigo nestes últimos tempos.